

**NO ÁLBUM DO Sr. F. G. BRAGA\***

Pago ao gênio um tributo merecido  
Que a gratidão me inspira;  
Fraco tributo, mas nascido d'alma.  
MAG. *Saudades*.<sup>1</sup>

Qual descantou na lira sonora  
O terno Bernardim<sup>2</sup> com voz suave;  
Qual em tom jovial cantou Elmano<sup>3</sup>  
Brandas queixas de amor, tristes saudades  
5 Que em seus cantares mitigou; ó! Vate,<sup>4</sup>  
Assim da lira tu, ferindo as cordas,  
Cantas amores que em teu peito nutres,  
Choras saudades que tu'alma sente;  
Ou ergues duradouro monumento  
10 À cara pátria que distante choras.<sup>5</sup>

---

\* Este poema ocorre em MF (n. 634, 9 out. 1855, p. 3-4), em DISP (p. 20-21), em TPCL (p. 622-623), em PCRR p. 401-403) e em OCA2015 (v. 3, p. 681-682). A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Texto-base: MF. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em resposta a este poema de Machado de Assis, Francisco Gonçalves Braga publicou, também na *Marmota Fluminense* (n. 636, 14 out. 1855), “Ao Senhor J. M. M. d’Assis (em resposta)” – este poema de Gonçalves Braga pode ser encontrado neste número da revista, na seção “Outras Edições”.

<sup>1</sup> Os versos desta epígrafe são os três últimos (n. 131-133) do poema “O gênio e a música”, dedicado “À Senhora Catalani” por Gonçalves de Magalhães (*Suspiros poéticos e saudades*, 1939, p. 354-361).

<sup>2</sup> Referência a Bernardim Ribeiro, poeta quinhentista português, autor de poesias líricas, especialmente élogos, e da célebre novela pastoril *Menina e moça*.

<sup>3</sup> Elmano Sadino: pseudônimo árcade do poeta setecentista Manuel Maria Barbosa du Bocage.

<sup>4</sup> ó! Vate,] oh! Vate, – em MF, em DISP e em TPCL; oh! Vate. – em PCRR e em OCA2015. A expressão “ó Vate” é evidentemente vocativa; se fosse exclamativa e se referisse aos poetas (Bernardim Ribeiro e Bocage) citados nos versos anteriores – como sugere o entendimento da pontuação adotada em PCRR e OCA2015, deveria estar no plural – “oh! Vates”. Entendemos que a expressão é vocativa; depois do ponto e vírgula, os versos constituem uma interpelação ao proprietário do “álbum”, Francisco Gonçalves Braga.

<sup>5</sup> Francisco Gonçalves Braga, no ano seguinte ao deste poema, publicou o livro *Tentativas poéticas* (1856), em que reuniu sua produção. Na obra, constata-se os temas registrados nesses versos de Machado de Assis.

Do Garrett divino – o Vate excelso<sup>6</sup>  
Renasce o brilho inspirador das trovas,  
Das mimosas canções que o mundo espantam  
Nesse canto imortal sagrado aos manes  
15 Do famoso Camões, cantor da Lísia<sup>7</sup>  
São carmes que te inspira o amor da Pátria.  
Nele relatas em divinos versos  
[Do] exímio Trovador, a inteira vida<sup>8</sup>  
Já no campo de Marte; já no cume  
20 Do Parnaso<sup>9</sup> bradando aos povos todos  
Os feitos imortais da lusa gente!<sup>10</sup>  
Nessa epopeia, monumento excelso  
Que em memória do Vate à pátria ergueste,<sup>11</sup>  
Ardente se desliza a etérea chama,  
25 Que de Homero imortal aos sucessores  
Na mente atea o céu com forte sopro!<sup>12</sup>

Euterpe,<sup>13</sup> a branda Euterpe nos teus lábios  
Da taça d’ouro, derramando o néctar  
Deu-te a doce [poesia] com que outrora<sup>14</sup>  
30 Extasiou Virgílio<sup>15</sup> ao mundo inteiro!  
“Empunha a lira d’ouro, e canta altivo  
Um Tasso<sup>16</sup> em ti se veja – o estro excelso →

---

<sup>6</sup> Almeida Garrett: poeta português oitocentista, autor de um poema intitulado “Camões”, composto em dez cantos, com versos decassílabos brancos.

<sup>7</sup> Lísia] Lísia, – em PCRR. Na *Marmota Fluminense*, uma nota a este verso remete ao pé da primeira coluna da página 4, em que há a seguinte nota: “Um belo poema do Snr. Braga, intitulado – Camões.” Esse poema, dedicado a Antônio Feliciano de Castilho, vem entre as páginas 47 e 58 das *Tentativas poéticas* (1856). Camões, conforme diz o verso, foi “cantor da Lísia”, ou seja, de Portugal (ou da gente portuguesa) – na obra *Os Lusíadas*. “Lísia” é o nome poético de Portugal. (MACHADO, 1984, v. 2, p. 887)

<sup>8</sup> [Do] exímio Trovador] O exímio Trovador – em MF, em DISP, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Parece que “O exímio Trovador” não é um objeto direto adequado ao verbo “relatas”. Deveria ser “Do exímio Trovador” – erro tipográfico? Ousamos propor a correção.

<sup>9</sup> “Já no campo de Marte; já no cume / Do Parnaso” – referências a Camões como soldado (no campo de Marte) e como poeta (no cume do Parnaso).

<sup>10</sup> Depois deste verso há espaçamento de divisão de estrofes em DISP e em TPCL.

<sup>11</sup> Alusão ao poema “Camões”, de Francisco Rodrigues Braga.

<sup>12</sup> Em PCRR e em OCA2015 não há espaçamento indicador de divisão estrófica depois deste verso.

<sup>13</sup> Euterpe: musa da música e da poesia lírica.

<sup>14</sup> Deu-te a doce [poesia] com que outrora] Deu-te a doce com que outrora – em MF, em DISP e em TPCL. Neste verso falta certamente uma palavra. A Profa. Rutzkaya Queiroz dos Reis completou-o, inserindo nele – com muita propriedade – a palavra “poesia”. Ela, entretanto, não nos revela a fonte de sua correção – que, supomos terá sido feita por conjectura. Acatamos a correção proposta por ela.

<sup>15</sup> Virgílio: poeta romano, do século I a.C., autor não apenas da *Eneida*, poema épico, mas, também, das *Éclogas* e *Geórgicas*.

<sup>16</sup> Torquato Tasso: poeta italiano, do século XVI, autor de *Jerusalém libertada* (1580), poema em que descreve os combates imaginários entre cristãos e muçulmanos, no fim da Primeira Cruzada.

De Camões imortal, te assoma à mente;  
E de verde laurel<sup>17</sup> cingida a fronte  
35 Faz teu nome soar na voz da fama!”  
Foram estas as frases<sup>18</sup> com que Apolo<sup>19</sup>  
Poeta te fadou quando nasceste,  
E em doce gesto te imprimiu na fronte  
Um astro de fulgor, que sempre brilha!  
.....  
40 Ah! que não possam estes pobres versos,  
Que n’áureas folhas de teu belo livro  
Trêmulo de prazer coa destra lanço,  
Provar-te o assombro, que ao ouvir-te sinto!  
Embora!... entre os arquejos de minh’alma  
45 Do opresso coração entre os suspiros  
As brandas vibrações da pobre lira  
Vão em tua alma repetir sinceros  
Votos dest’alma que te prove<sup>20</sup> o assombro  
Que sinto ao escutar-te as notas<sup>21</sup> d’harpa!

Rio de Janeiro[,] 1855.

*J. M. M. d’Assis.*

[*Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 634, p. 3-4, 9  
out. 1855.]

---

<sup>17</sup> “verde laurel”: coroa de louros, com que eram distinguidos, na Antiguidade, os que alcançavam triunfos nas armas ou nas artes. Na mitologia, o loureiro era a árvore em que se transformou Dafne, para fugir de Apolo (ver nota 16), que fez de suas folhas uma coroa, com a qual passou a ser representado.

<sup>18</sup> estas as frases] estas frases – em DISP e em TPCL

<sup>19</sup> Apolo: inventor da lira, comandante das Musas, protetor das artes, deus da harmonia, da música e da inspiração poética. Era um dos doze principais deuses do Olimpo e o mais radioso dos Imortais.

<sup>20</sup> O “que”, se sujeito de “provar”, está no lugar de “sinceros votos” – o verbo deveria, nesse caso, estar na terceira pessoa do plural: “provem”. Entretanto, a métrica exige o singular. O filólogo J. Leite de VASCONCELOS (1911, p. 418) observava: “A rima e o metro fazem também que os verbos se empreguem indevidamente em certos modos e tempos, o que tanto acontece na literatura popular, como na culta.” Embora ele se refira apenas a “tempos” e “modos” verbais, é de supor-se que o mesmo possa ocorrer com a “pessoa” – essa não é a única passagem, na poesia de Machado de Assis, em que o fenômeno ocorre. Vejam-se estes versos, do soneto “A uma senhora que me pediu versos”, de *Ocidentais*: “Uma só das horas tuas / Valem um mês / Das almas já ressequidas” (ASSIS, 1976, p. 492). Pode-se entender ainda que o “que” vale por “porque” (= para que): “Votos dest’alma [para] que [eu] te prove o assombro”.

<sup>21</sup> notas] novas – em PCRR.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.

MF – *Marmota Fluminense*.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

OCA2015 – *Obra completa*, Nova Aguilar, 2015. 4 v.

### Referências

ASSIS, Machado de [J. M. M. d'Assis]. No álbum do Sr. F. G. Braga. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 634, p. 3-4, 9 out. 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706914&pasta=ano%20185&pe sq=>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: INL, 1965.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. e fixação dos textos por Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

BRAGA, Francisco Gonçalves. *Tentativas poéticas*. Rio de Janeiro: Typ. de Nicolau Lobo Vianna & Filhos, 1856. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=VUD7n2g90zQC>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

GARRETT, Almeida. Camões. In: *Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1963. v. 2, p. 269-458.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, [1984]. 3v.

MAGALHÃES, Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. Ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1939.

RIBEIRO, Bernardim. *Obras completas*. Prefácios e notas de Aquilino Ribeiro e M. Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1950. 2v.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Cássica de A. M. Teixeira, 1911.